

Skott, Eliana V. R.
Cultura, imaginação e conhecimentos: a
educação e a formalização da experiência / Eliana
V. R. Skott. -- Campinas, SP: Editora da
UNICAMP, 1993.
(Coleção Momento)

1. Cultura. 2. Imaginação. 3. Conhecimento.
I. Título

20. CDD - 306
- 153.3
- 121

ISBN 85-268-0261-5

Índices para Catálogo Sistemático:

- 1. Cultura 306
- 2. Imaginação 153.3
- 3. Conhecimento 121

Coleção Momento

Copyright © by Eliana V. R. Skott

Coordenação Editorial
Carmen Silvia P. Teixeira

Editoração

Sandra Vieira Alves

Preparação de originais

Vanila Aparecida da Silva

Revisão

Josiane de Fátima Pivo Romero

Lucélia Caraveli Temple

Composição

Gilmar Nascimento Saravira

Silvia H. P. Campos Gonçalves

Luis Cláudio Gomes

Montagem

Edilson Tristão

Capa

Vlad Carrarço

1993

Editora da Unicamp

Rua Cédlio Feltre, 253

Cidade Universitária - Barão Geraldo

CEP 13084-110 - Campinas - SP - Brasil

Tel.: (0192) 39.3720

Fax: (0192) 39.3157

A CONSTRUÇÃO DO SENTIDO – CULTURA E VIDA ÉTICA

1

*Propondo-se a si mesmo (...), o homem afirma
que não é um puro dado para si mesmo e que
em si um inenso destino do sentido se cumpre.
Mas, ao mesmo tempo, afirma que o sentido
não está imediatamente presente como uma
totalidade que só se conquista pouco a pouco e
que é necessária a mediação das figuras que o
exprimem, para que seu aparecimento se torne
efetivo.*

*Tentando se dizer a si mesmo, a partir dos de-
saios que, em sua própria história, propõe a
si, o homem mais se anuncia que se recaptula.*

Ladrière

A instauração de um sistema de representações, de uma lin-
guagem, no sentido mais geral da palavra, é dinamismo próprio ao
humano; nela a existência coloca-se a si mesma como enigma, per-
mitindo ao homem tentar encontrar uma resposta a este enigma e di-
zendo o que é por si mesmo. Este esforço não deve ser tomado como
esforço meramente especulativo, pois é índice de uma estrutura in-
terna no ser humano, o qual é em si mesmo questionamento. Dizer
que o próprio ser humano é questionamento significa, além de que

coloca questões sobre si mesmo, afirmar que sua própria essência coloca-se sob a forma de uma questão, que deve ser respondida segundo o esquema que convém a uma questão. Esta questão é diferente das outras, pois, aqui, há identidade entre questionamento e objeto de questionamento. Como estrutura própria do questionamento, o ser humano estabelece em si uma distância entre ele mesmo como questionante e ele mesmo como suspenso nesta questão. Assim, ele afeta a si próprio, colocando-se em suspenso; só pode exercer sua existência como não realização, esperando incertamente a possibilidade de realização e confrontando-a com seu contrário, ou seja, a possibilidade de uma definitiva não realização.

Por outro lado, o colocar em questão do próprio ser humano implica ao mesmo tempo um apelo a uma resposta, a uma vitória sobre o colocar em suspenso, um apelo à plena afirmação de si. Se tal plenitude é esperada, é porque ela falta, e ela falta porque foi colocada em questão. Esta distância é precisamente a questão que, em si mesma, é espera da plenitude. Seu sentido é colocar fim à falta, isto é, suprimir-se como questão. A resposta esperada, no entanto, não pode vir do exterior, pois não se dirige a um objeto exterior. Sendo a própria existência a questão e, assim, espera de superação de si mesma como questão, esta só pode vir do próprio desenvolvimento da questão, o qual se deve converter em resposta pelo próprio movimento de seu autoquestionamento. Isto corresponde a dizer, mais concretamente, que o ser humano é fundamentalmente desejo — simultaneamente falta e exigência de superação da falta; que ele se vive como separação e, ao mesmo tempo, como espera de beatitude.

Esta estrutura interna é que diferencia o ser humano dos animais e faz dele um ser ético. Embora sendo também natureza, desde que é dado a si mesmo, que está antecipadamente inscrito numa situação e que traz em si uma série de virtualidades, o ser humano não se identifica com a natureza. Nele, a natureza está sempre à espera de seu sentido, e é precisamente a capacidade de construir esse sentido que dá ao ser humano sua característica própria e que o faz um ser não meramente natural, mas um ser ético.

A vida ética do homem é um esforço para coincidir consigo mesmo. Mas a vida ética não ocorre no vazio, ela anuncia-se em atos reais que se inscrevem no curso do mundo. O ser humano exprime-se e faz-se por seu corpo. Ele edifica seu destino ético através dos

gestos, das palavras, dos atos de trabalho, de luta, de expressão, de comunicação e de instauração.

O fato de ser aberto ao mundo faz com que o homem seja um construtor do mundo, segundo o seu próprio modelo. "Seu mundo é a exteriorização de seus valores e aspirações, a encarnação de sua intenção, a objetivação de seu espírito."¹

As origens do universo simbólico tem raízes na constituição do homem. Se o homem em sociedade, é um construtor do mundo, isto se deve a ser constitucionalmente aberto ao mundo (...). A experiência humana, *ab initio*, é uma exteriorização contínua. O homem, ao exteriorizar-se, constrói o mundo *no qual se exterioriza a si mesmo*.

No projeto de exteriorização projeta na realidade seus próprios significados. Os universos simbólicos, que proclamam ser toda realidade humana dotada de sentido e apelam para o cosmo inteiro, a fim de significar a validade da existência humana, constituem as exceções máximas desta projeção.²

O homem vê com o coração, e não de forma meramente duplicadora. A realidade, em si mesma, não revela suas próprias possibilidades; são as aspirações e os desejos do homem que as extraem dela.

Na evolução, a vida criou uma nova lógica para si própria, passando a não mais sobreviver pela mera adaptação ao real. A partir da criação do ser humano, o real vai ser transfigurado pela vida, organizado de acordo com os interesses do homem, tornando-se, assim, um espelho dos valores humanos.

O mundo humano, como o dos animais, começa com o corpo, pois tudo o que o homem criou foi em meio à luta para sobreviver, pelo corpo e em seu benefício. O corpo, como centro estruturante e matriz emocional do homem, tem prioridade axiológica — é fundamento e deve ser meta do mundo humano.

A natureza física do homem, no entanto, não significa que ele se encontra determinado pelo seu organismo. Seu corpo é criativo,

¹ Rubem Alves, *A Gestação do Futuro*, p. 128.

² Citação tomada de Berger e Luckmann, in Rubem Alves, *op. cit.*, p. 127.

possuindo o poder de superar-se e de fazer nascer o inexistente. Além de buscar a satisfação de suas necessidades, o homem busca o sentido, que satisfaz os desejos do coração. Por isso, ele criou a cultura que, no dizer de R. Alves,

consiste na união do amor e do poder, ou, mais precisamente, no poder do amor assumindo uma forma social. É uma síntese entre eficiência e imaginação, na qual o coração se mostra bem sucedido em seu esforço para fazer com que o sistema seja um instrumento de sua realização e um meio para sua expressão.³

O homem adapta a natureza a si próprio, ele humaniza a natureza, tornando-a algo para si.

Os sentidos estão encarnados no corpo, que é transformado pela cultura. Com a cultura e o seu desenvolvimento, o corpo transforma-se a si mesmo. As aspirações e esperanças que ele engendra tornam-se extensão sua e ele deixa de experimentar a vida através do imediato dos sentidos, passando a senti-la pela mediação do coração. Nossos sentidos conhecem a vida que o coração acalanta. Também a natureza vemos com a mediação da cultura. Assim, a cultura converte-se no corpo do homem. O coração triunfa sobre a realidade, o corpo e a natureza renascem numa nova forma.

A capacidade de simbolização do homem faz com que ele procure, além da sobrevivência, a coerência simbólica, que consiste na interpretação de valores ligados às situações vivenciadas de dor e prazer.

Os símbolos acrescentam ao mundo um sentido, uma ordem. Em função de seus desejos, o homem toma a natureza e transforma-a, surgindo, então, a cultura. Através da cultura, os objetos e as ações estão impregnados de sentidos. Pela cultura é que o homem cumpre seu destino de sentido, o seu destino ético.

No sentido amplo empregado pela Antropologia cultural, cultura é o conjunto das instituições, consideradas ao mesmo tempo nos seus aspectos funcional e normativo, onde se exprime certa totalidade social, que modela a personalidade dos indivíduos que a ela per-

tencem, e traça, de antemão, em certos aspectos, as suas possibilidades de existência concreta. No sentido mais estrito e ligado ao senso comum, o termo cultura significa o conjunto das disciplinas que possibilitam ao indivíduo em sua sociedade o desenvolvimento dos aspectos de sua personalidade.

Procurando explicitar o termo no sentido em que o empregamos no presente trabalho, abordaremos concepções complementares de cultura, enfocadas do ponto de vista dos valores.

Duarte Junior⁴ considera a cultura como uma estrutura simbólica, constituída de inúmeros elementos que concretizam determinados valores, tornando-os significantes. Seu conjunto compõe a visão de mundo da cultura.

Susanne Langer⁵ vê a cultura como a expressão simbólica de modos de sentir habituais desenvolvidos, sentir aqui significando tudo o que possa ser sentido, tanto os fenômenos de sensibilidade ou emotividade geral, como também as emoções distintas.

Sentimos coisas indefiníveis como ritmos de atenção e tensão do pensamento, relaxamento ou tensão corporal que não podem ser reduzidos a qualquer sensação particular, atitudes da mente, atividade geral da nossa imaginação, confiança na excelência da vida ou aborrecimento, tédio, misantropia fundamentais, ou ainda os incontáveis estados de humor. O humor é uma das marcas mais individuais de um povo.⁶

Por *modos* de sentir, a autora entende o grau que

os sentimentos são capazes de atingir, sua persistência ou transiência, a rapidez de várias respostas, e seu dirigir-se a certos eventos antes que a outros.

A cultura é a expressão desse padrão (*pattern*) característico de sentimento, que distingue um povo de um outro, no padrão de suas ações e nas coisas envolvidas em suas ações — ou seja, em SUAS coisas, especificamente.⁷

4 João Francisco Duarte Junior, *Fundamentos Estéticos da Educação*, capítulo II.

5 Susanne K. Langer, *Ensaio Filosófico*, p. 93.

6 *Ibid.*

7 *Ibid.*, p. 93 e 94.

Os atos e as coisas não são apenas úteis, mas expressivos.

Tais canais formais objetivos da expressão constituem a cultura. São nossa herança social e tanto possibilitam a expressão de nossos sentimentos e atitudes, como os moldam e estabelecem.

Ladrière⁸ considera a cultura como o conjunto formado pelos sistemas de representação, pelos sistemas normativos, pelos sistemas de expressão e pelos sistemas de ação de uma comunidade histórica, com base em seus valores, e que lhe confere sua fisionomia particular. A instância cultural é formada, então, pelos sistemas que asseguram o funcionamento do aspecto informacional da vida social, servindo de suporte às significações. A cultura refere-se aos "instrumentos mentais" que, ao lado dos "instrumentos objetivos" (instrumentos, máquinas e instalações), são equipamentos proporcionados por uma sociedade para fornecer suporte concreto às interações que a constituem. É através destas representações mentais que uma sociedade se dá uma imagem de si mesma e da realidade. Estas representações contêm elementos de natureza mística, sistemas de crenças, sistemas de caráter metafísico, que incluem conhecimentos de base empírica e que podem ser considerados como pré-científicos, e elementos de natureza ideológica.

A cultura cumpre importantes funções.

Morin⁹ mostra-nos que a cultura não repousa sobre o vazio, e sim sobre uma primeira complexidade pré-cultural, que é a da sociedade dos primatas e que desenvolveu a sociedade dos primeiros homínidos. Tal complexidade pré-cultural desenvolveu a técnica e a primeira linguagem, tornando-se estas importantes produtos para o surgimento da cultura propriamente humana. O autor considera a cultura em termos da informação organizacional da sociedade que ele chama de regras generativas. Assim, logo que a cultura fecha-se em circuito autoprodutor e auto-reprodutor (por transmissão e aprendizado), ela torna-se não apenas um produto altamente complexo, mas também, produtora de alta complexidade. Através dela, a sociedade mantém-se, sobrevive e transforma-se, contendo em si informação organizacional cada vez mais rica.

8 Jean Ladrière, *Os Desafios da Racionalidade*, segunda parte, capítulo III.

9 Edgar Morin, *O Enigma do Homem*, segunda parte.

A partir do momento em que surge a cultura, ela associa-se ao cérebro do *homo sapiens* e, juntos, cérebro e cultura caminham para a alta complexidade social.

Surge, então, o rosto biossociocultural do homem: as estruturas de organização cognitivas, linguísticas, práticas, que emergem com o cérebro humano, são estruturas inatas que substituem os programas estereotipados ou instintivos, e que são, a partir daí, inscritas na estrutura genética, sendo dela eliminado ou recalçado grande número de comportamentos estereotipados. Estas estruturas, no entanto, só podem operacionalizar a partir da educação sociocultural e num meio social complexificado pela cultura. Segundo Hockett e Asher, o "valor de sobrevivência dos grandes cérebros é evidente se e somente se eles já alcançaram (*achieved*) a essência da linguagem e da cultura".¹⁰ O neocórtex humano, aumentado em interação com a cultura, é incapaz de dirigir nosso comportamento e de organizar nossa experiência sem a orientação fornecida por um sistema de símbolos significantes.

Privado de cultura, o *sapiens* seria um débil mental, incapaz de sobreviver a não ser como um primata do mais baixo nível; nem mesmo poderia reconstituir uma sociedade de complexidade igual à dos babuínos e chimpanzés.¹¹

Vemos, então, a importante função da cultura na hominização e mesmo na humanização do indivíduo. Como sistema generativo a cultura assegura a autoproteção da complexidade social, isto é, sua autoprodução ou auto-organização permanente. Esta determina, em especial, a reprodução, mais ou menos parcial, do sistema cultural em cada indivíduo.

O código cultural mantém a integridade e a identidade do sistema social e protege-o da incerteza, da eventualidade, da confusão, da desordem.

Um sistema social só pode existir como sistema na medida em que é capaz de reagir às afetações de origem interna e externa, por respostas apropriadas que restabelecem a integridade de sua estrutura.

10 Citado por Edgar Morin, op. cit., p. 92.

11 Edgar Morin, op. cit., p. 92.

ra e de sua dinâmica interna. Isso supõe um órgão de controle capaz de registrar os desequilíbrios e de fornecer as informações necessárias para corrigi-los. Este papel é desempenhado pela cultura.

Para que ela seja eficaz em sua função integradora, é preciso que seus elementos ajam em complementaridade e em cooperação, sustentando-se mutuamente, o que pressupõe que eles sejam organizados entre si de modo a formarem um conjunto auto-estabilizador. Na instância cultural, são os valores que desempenham o papel de subsistema regulador, pois é a partir deles que se constroem e se justificam as normas. São os valores que hierarquizam os modos e definem os conteúdos do conhecimento. São eles que inspiram os sistemas expressivos e que subentendem as formas expressivas que lhes servem de mediações sensíveis. Assim, se alguma perturbação é introduzida no sistema de valores, isto deverá ter profundas repercussões no conjunto da cultura e também nas outras instâncias da vida social.

Por outro lado, a cultura é o meio pelo qual o indivíduo tem acesso ao mundo exterior e à sociedade em que vive. Ela lhe fornece os elementos de compreensão de sua situação no mundo e na sociedade e também princípios orientadores para sua conduta e adaptação às diversas situações que vivencia. Estes princípios de explicação e de orientação, devem formar um sistema integrado e coerente que permita ao indivíduo sentir-se e atuar de modo consistente.

Deste modo, a função essencial da cultura

é de conferir ao ser humano um lugar onde ele possa realmente habitar, onde possa sentir-se verdadeiramente "em casa". É por isso que uma cultura não é uma espécie de ornamento extrínseco que viria sobrepor-se à existência para dar-lhe alguns atributos suplementares, em princípio não indispensáveis. Esta é a condição mesma de uma existência verdadeiramente humana, de uma existência sensata, porque é pelo conteúdo de uma cultura que a existência recebe significação, eleva-se acima da ordem dos fatos ou da simples forma de vida (entendida no sentido biológico do termo) para aceder a uma verdadeira tomada de posse de si mesma, para assumir-se num distanciamento que é, ao mesmo tempo, coincidência consigo.¹²

¹² Jean Ladrière, op. cit., p. 115.

É o "enraizamento" do homem que, situando-o em relação ao cosmo e ao seu passado, permite-lhe descobrir-se em sua autonomia e em sua identidade, e assumir-se como tal. Nas palavras de Ladrière,

(...) É o modo como o homem se compromete a si mesmo que é decisivo e que, ao fornecer uma ancoragem à sua existência, confere-lhe também a dimensão de um destino. Essa interpretação pertence ao domínio da palavra, entendida, aliás, num sentido muito amplo, como incluindo tanto as expressões simbólicas como os discursos explicativos ou normativos. É na cultura que a palavra toma forma, torna-se eficaz, recebe a estruturação graças à qual pode ser operante e fornecer ao ser humano a morada graças à qual sua estadia entre os viventes será eventualmente carregada de sentido.¹³

¹³ Jean Ladrière, op. cit., p. 115 e 116.